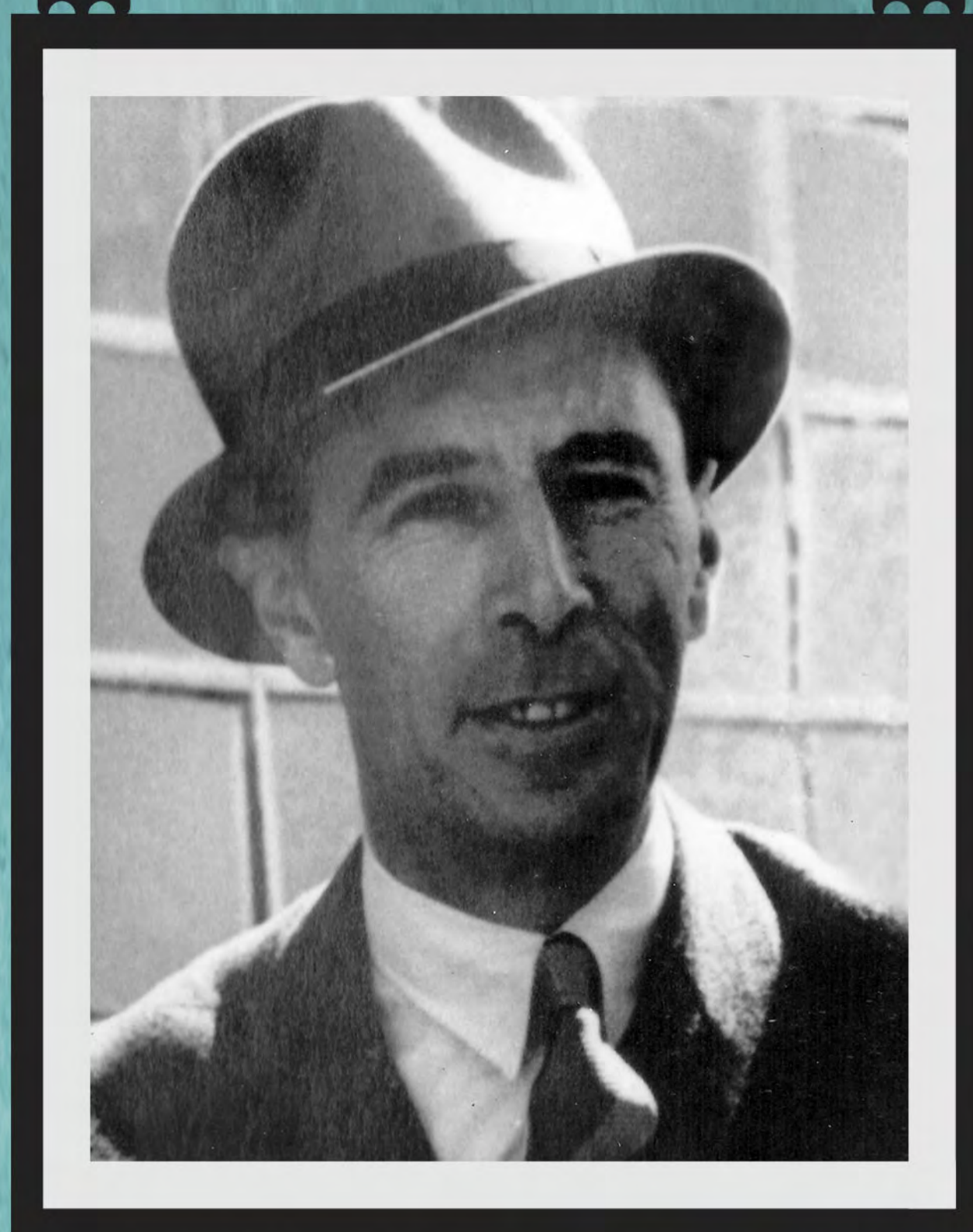


Conde d'Aurora

Tradição e vanguarda nos 125 anos de nascimento

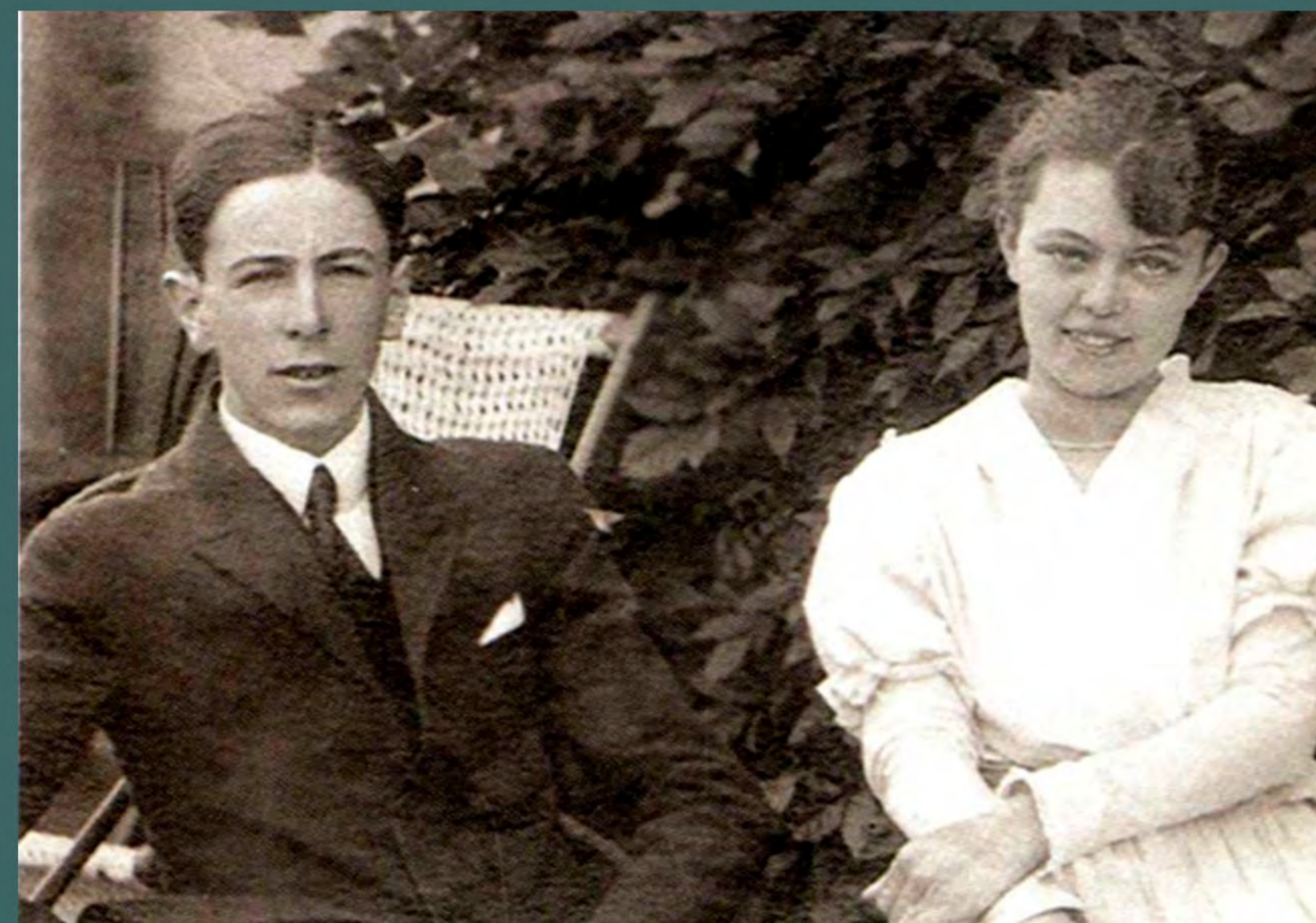


“O Conde d'Aurora foi, na inteireza do seu carácter, um vulto singular, dos que enobrecem a espécie humana através dos tempos – e que, por isso mesmo, perduram na memória efetiva e cultural do povo a que pertencem. E mais: um grande Português.”

Artur Anselmo

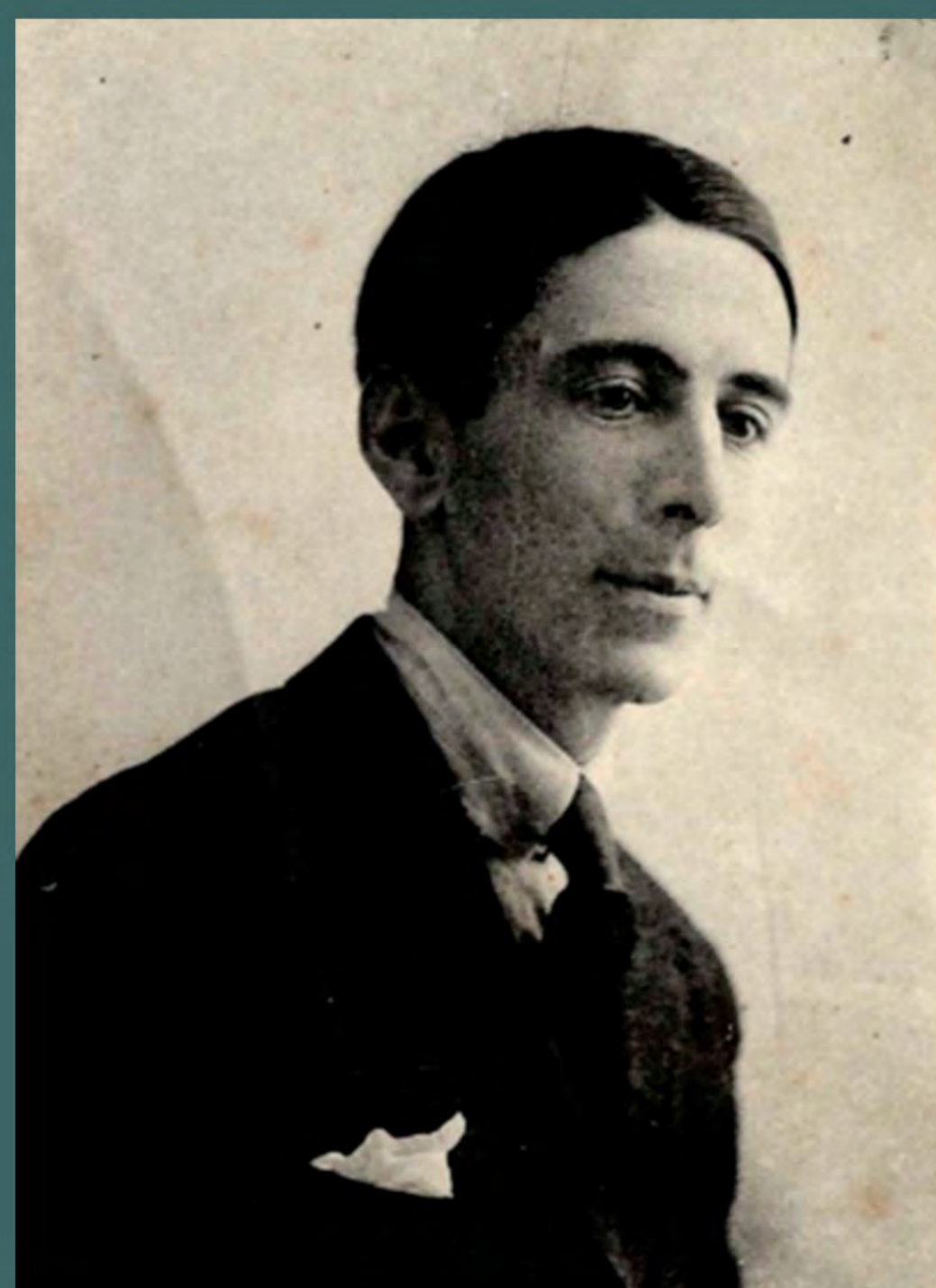
José António Francisco Xavier de Sá Coutinho nasce em Ponte de Lima, a 19 de abril de 1896.

Era filho de José de Sá Coutinho da Costa de Sousa de Macedo Sotomaior Barreto, 2.º Conde de Aurora e de sua Mulher D. Maria Angelina da Natividade Pereira da Silva de Sousa e Meneses (Bertiandos). Fica órfão de pai aos seis meses e de mãe aos 13 anos, passando a sua educação para a responsabilidade do seu tio materno e padrinho, o Conde de Bertiandos.



Frequenta a escola primária em Geraz do Lima, onde cresceu entre a gente do povo e posteriormente prossegue os estudos no Colégio de Espírito Santo, em Braga.

Com apenas 16 anos ingressa na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, onde funda, uns anos mais tarde, em 1921, o jornal monárquico do centro do País, designado por “O Pregão Real”.



Em 1916 casa com D. Maria da Graça de Abreu Castelo Branco, filha dos Condes de Fornos de Algodres, em Coimbra, com quem teve nove filhos, sete filhas e dois filhos.

Conde d'Aurora

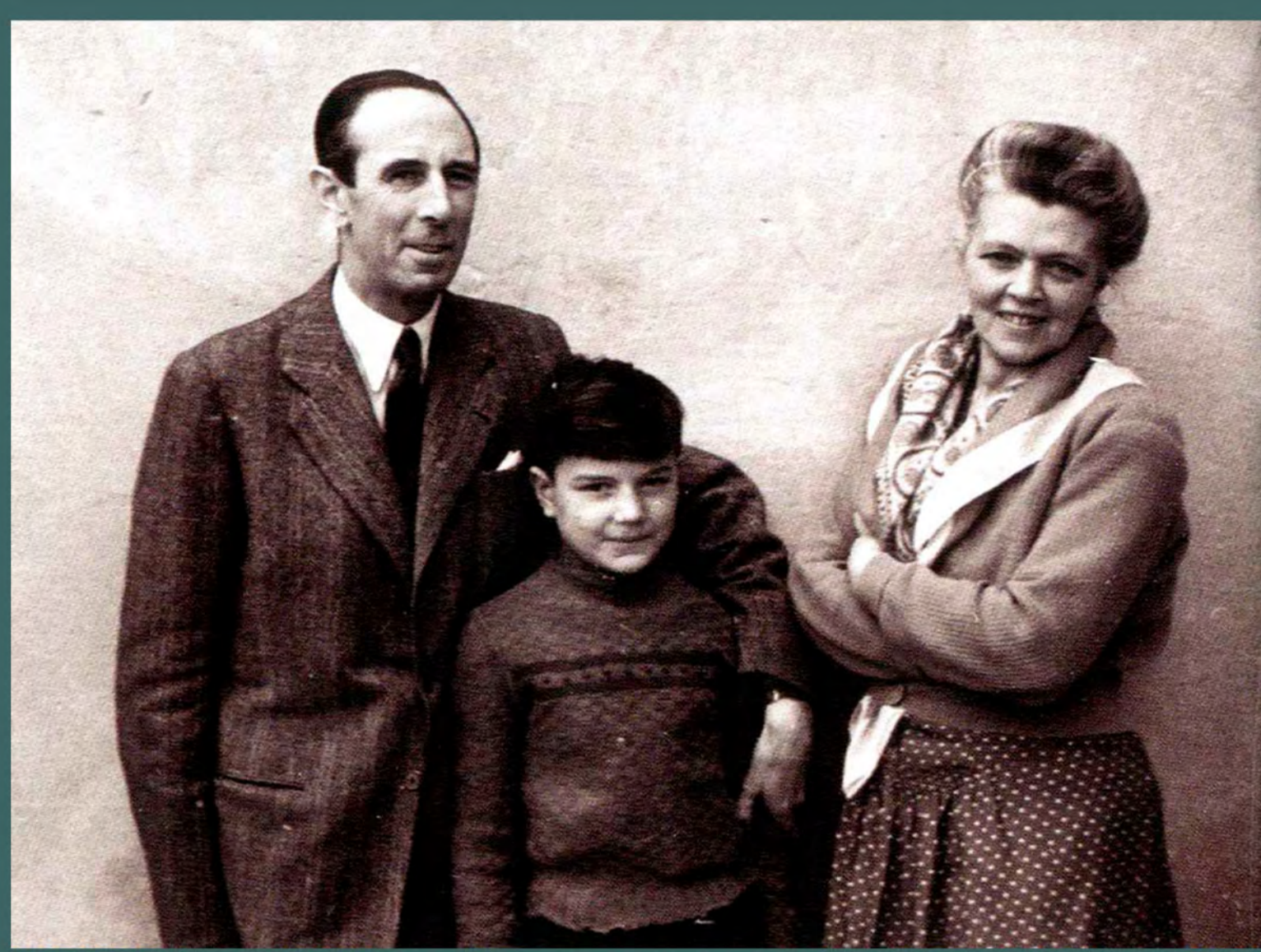
Tradição e vanguarda nos 125 anos de nascimento



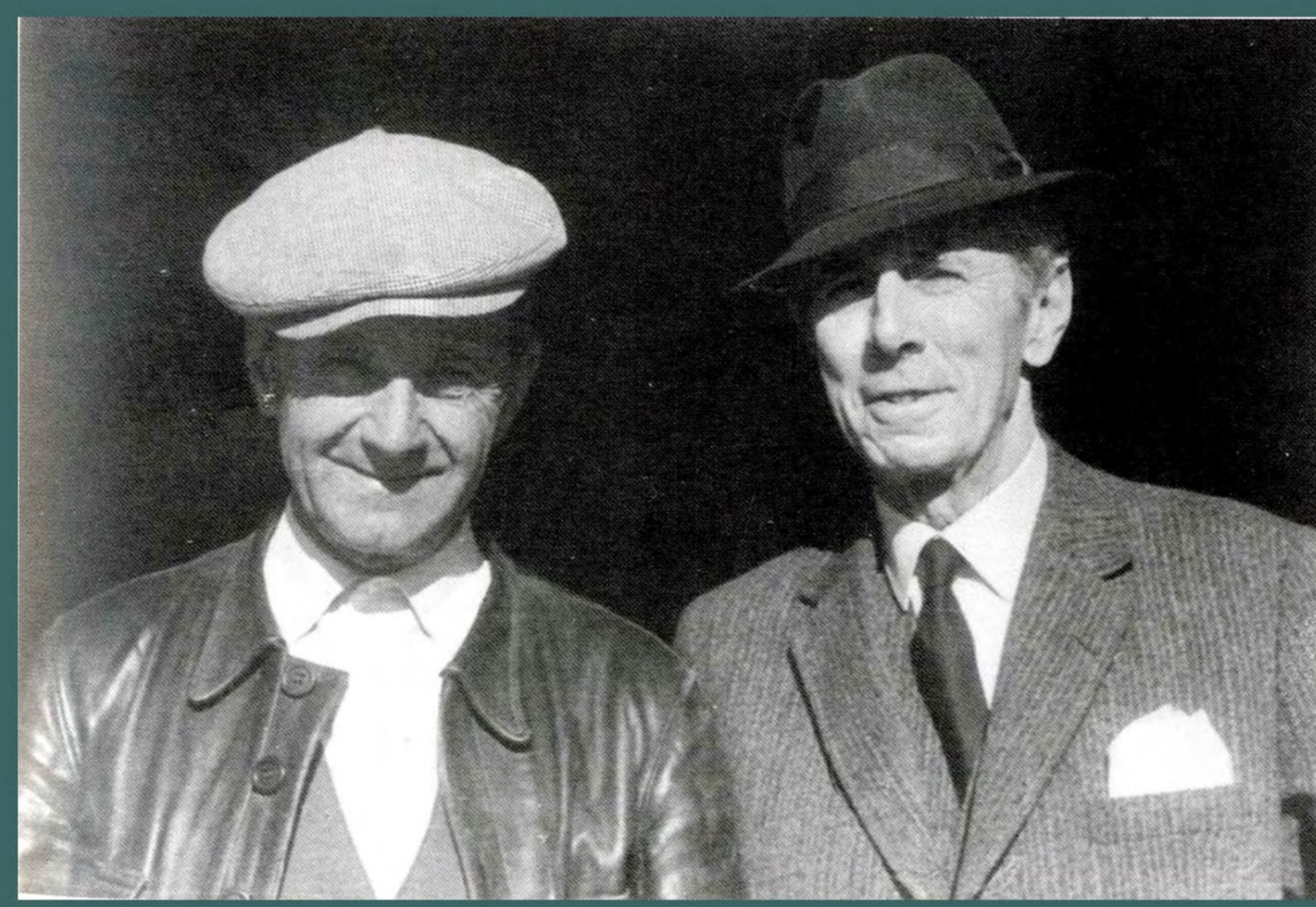
“O Conde d'Aurora foi, na inteireza do seu carácter, um vulto singular, dos que enobrecem a espécie humana através dos tempos – e que, por isso mesmo, perduram na memória efetiva e cultural do povo a que pertencem. E mais: um grande Português.”

Artur Anselmo

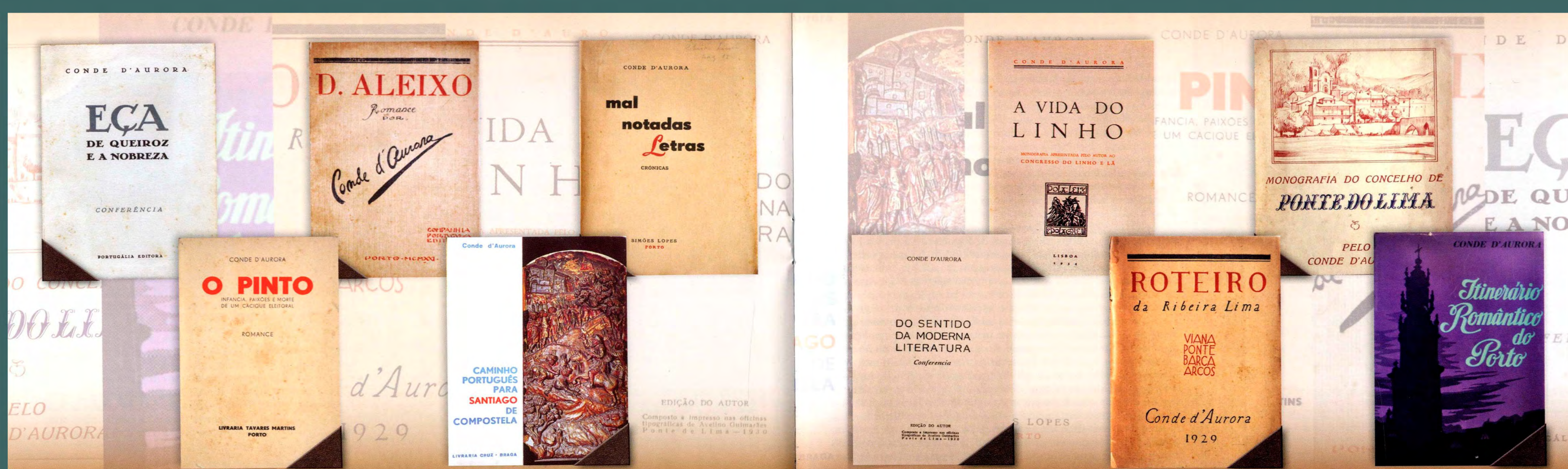
No ano de 1919 tenta implantar a monarquia em Ponte de Lima, hasteando a bandeira azul e branca nos Paços do Concelho, e vê-se obrigado a refugiar-se na Argentina onde permaneceu até 1923.



De regresso a Portugal dedica-se à administração das suas propriedades e à conclusão do curso de Direito, que tinha sido interrompido.

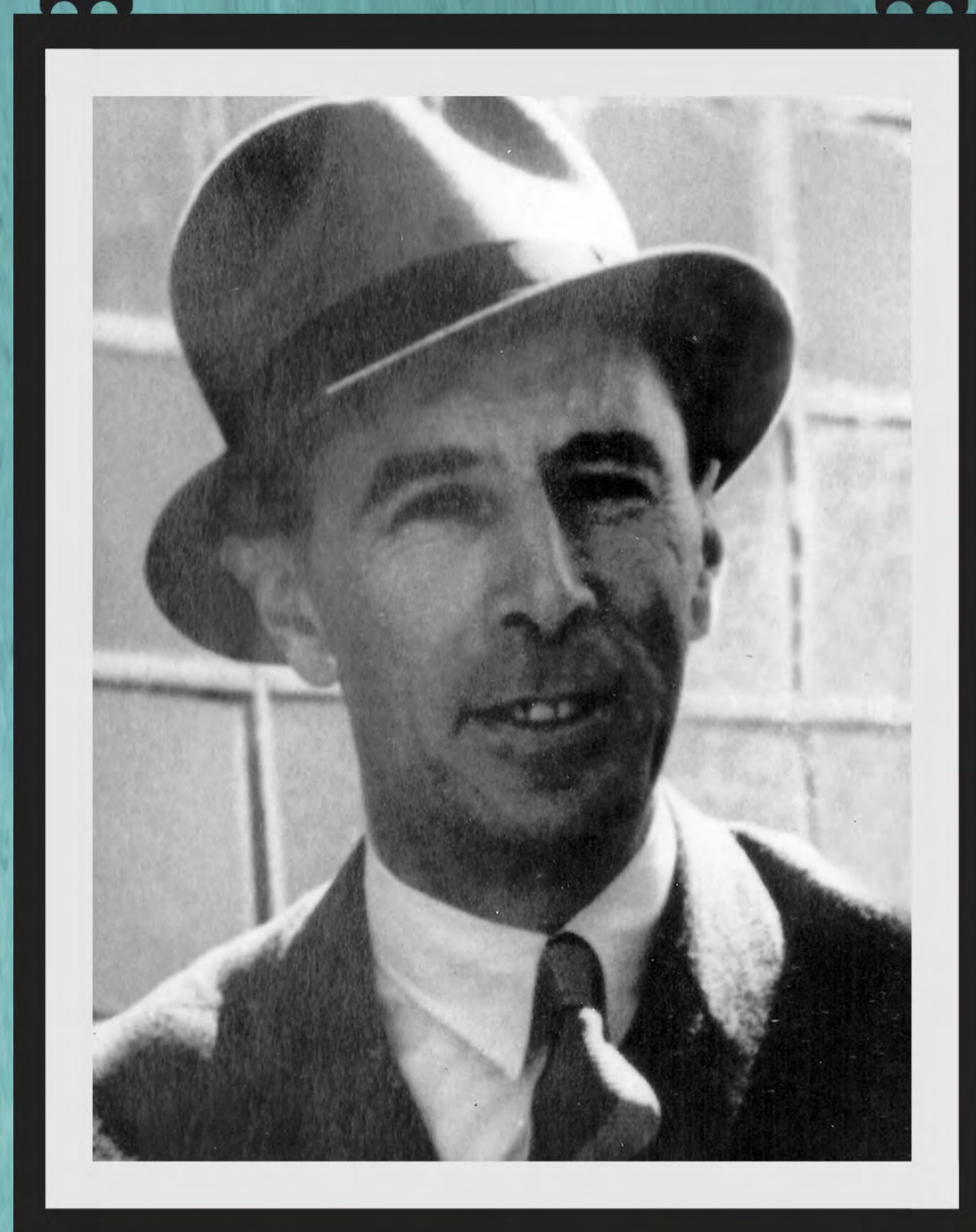


Em 1935 é galardoado com o prémio Eça de Queiroz pelo seu romance “O Pinto”.



Conde d'Aurora

Tradição e vanguarda nos 125 anos de nascimento



"Se me dão licença, apresento-lhes desta vez outro escritor nortenho: o Sr. Conde d'Aurora. É alto, muito alto, magro, cabelos despenteados e esbranquiçados, um sorriso franco em todo o rosto, e os olhos, sim, tem os olhos como os dum pescador: encovados e perfurantes, habituados a descobrir o mar e o sopro das montanhas, a perscrutar os homens e as suas ínfimas reacções."

Ricardo Saavedra

Em 1936 é nomeado Juiz do Primeiro Tribunal do Porto, cargo que ocupa durante mais de trinta anos.

Durante a guerra espanhola participa ativamente no comboio de ajuda humanitária enviado aos nacionalistas.

Integrou um grupo de personalidades ilustres apelidado de "Os Amigos do Rio Lima" que protagonizou a génese de uma nova cultura em Ponte de Lima.

Fundou o Sindicato Agrícola de Ponte de Lima e foi o principal impulsionador da fundação da Sociedade Agrícola de Ponte de Lima, hoje Adega Cooperativa.

Manteve ligações com personalidades de relevo, nacionais e internacionais, dando a conhecer as belezas da vila e da região que tanto amava. Anfitrião incansável, disponibilizava a Casa de Nossa Senhora da Aurora para frequentes tertúlias entre amigos.

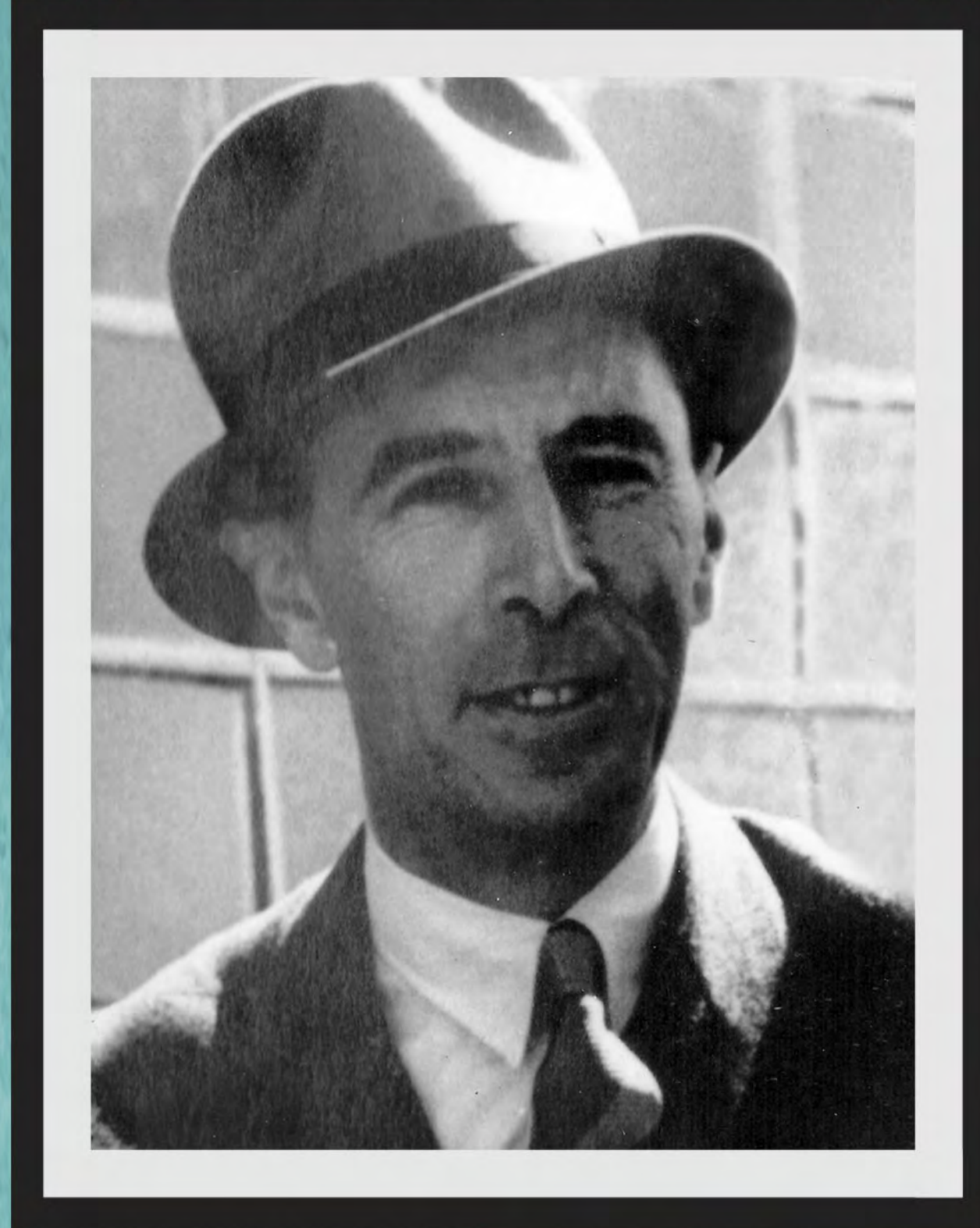
Distinguiu-se como magistrado e escritor, etnógrafo e roteirista, profundo defensor dos interesses regionais e apaixonado divulgador da sua amada terra minhota de Ponte de Lima. Era reconhecidamente um homem culto e de horizontes cosmopolitas.

Colaborou proficuamente na imprensa regional, principalmente na *Gazeta das Aldeias* e no *Diário do Norte*.

Deixou uma obra considerável, literária e etnográfica, bem como um vasto arquivo fotográfico das ruas do Porto e dos costumes da Ribeira Lima.

Conde d'Aurora

Tradição e vanguarda nos 125 anos de nascimento



"Se me dão licença, apresento-lhes desta vez outro escritor nortenho: o Sr. Conde d'Aurora. É alto, muito alto, magro, cabelos despenteados e esbranquiçados, um sorriso franco em todo o rosto, e os olhos, sim, tem os olhos como os dum pescador: encovados e perfurantes, habituados a descobrir o mar e o sopro das montanhas, a perscrutar os homens e as suas ínfimas reacções."

Ricardo Saavedra

A bibliografia do Conde d'Aurora é vasta e admirável, quer no campo da ficção, quer no da etnografia e do roteirismo.

A par de uma obra de excepcional valor, conhecem-se-lhe vários trabalhos reunidos em separatas de conferências, em teses de congressos, de colaboração especializada em livros e revistas, versando temas regionalistas de usos e costumes limianos, atentos aos problemas da lavoura e à preservação das tradições ancestrais.

Deixou ainda dispersos, muitos artigos e crónicas, escritos de forma brilhante, ágil e elegante, com textos de intervenção, evocações da vida laboral ou festiva da região, memórias e saudades que consagram o amor pela sua terra de eleição, em descrições de lirismo e bucolismo da paisagem circulante.

*António Manuel Couto Viana,
In Esparsos, Raros e Inédito do Conde d'Aurora, 2007*

Pelas preocupações que sempre soube exprimir, entre avisos e premonições, (...) a sua obra, ainda hoje tão actual, constitui uma fonte inesgotável de inspiração e um motivo de orgulho para todos os limianos. Lê-la e discuti-la é a melhor homenagem que podemos prestar ao Conde d'Aurora.

*José Velho Dantas
"O Conde d'Aurora e a preservação do património"
In O Anunciador das Feiras Novas, n.º XXVI, 2009*

Em 1969 morre, em Ponte de Lima, na sua Casa de Nossa Senhora da Aurora, a 3 de maio, com quarenta e nove netos e seis bisnetos.

O carinho que Ponte de Lima tem pela figura do Conde d'Aurora, não vem da posição social ou título aristocrático, mas de uma vida de intervenção em prol da sua comunidade.

*Rosário de Sá Coutinho
In <https://www.pontedelimacultural.pt/as-pessoas-subpag.asp?t=paginas&pid=1349>*